

OS ELMOS GERMÂNICOS NO FIGURADO DAS MOEDAS VISIGODAS (*)

Por WILHELM REINHART

A arqueologia visigoda progrediu muito nas últimas décadas, com a descoberta dum número bastante elevado de necrópoles em Castela, cujos espólios fornecem um perfeito testemunho dos adornos então usados.

Recolheram-se conjuntamente objectos de cerâmica e de outra espécie, quase nenhuma arma e pouquíssimas moedas.

As moedas eram cópias de sólidos bizantinos e trientes. Paralelamente, intensificou-se o estudo da numária visigoda, que provou ser uma valiosa disciplina auxiliar da história cultural dos séculos em que os visigodos dominaram a Península Ibérica.

Descobriram-se novas cecas — lugares de cunhagem — cujo número subiu para 79, contra as 61 conhecidas por A. Heiss (1).

Os objectos achados naquelas necrópoles provam, por forma inequívoca, pertencerem ao povo visigodo, e a cronologia — Séc. VI a princípios do VII — indica-nos a época em que se confessava a fé ariana e em que os mortos eram enterrados em cemitérios próprios. Por outro lado, a distribuição geográfica das necrópoles prova-nos ainda que este povo não se espalhava, como se pensava até agora, por razões políticas, por toda a península ibérica, mas habitava, bastante homogêneo, na área ocupada pela Castela-a-Velha (2).

(*) Artigo publicado in «Jahrbuch für Numismatik und Geldgeschichte», 2.º ano, 1950-51, edição da Bayerischen Numismatischen Gesellschaft, de Munique — e vertido para português por Ed. M. van der Niepoort e F. Russell Cortez, de acordo com o desejo manifestado pelo Autor antes do seu falecimento.

(1) «Description Générale des Monnaies des Rois Wisigoths d'Espagne» — Paris, 1872. A obra recentemente editada, de George C. Miles, edição da American Numismatic Society: «The coinage of the Visigoths of Spain — Leovigild to Achila II», que se baseia nas investigações feitas até à data, cita 79 na Península Ibérica.

(2) Wm. Reinhart: «Sobre el asentamiento de los Visigodos en la Peninsula», *Arquivo Esp. de Arqueologia* — Madrid, 1945.

Aqui dedicavam-se preferentemente à agricultura, enquanto a alta nobreza se acantonava nas capitais de província e sedes dos condados a fim de ocupar cargos políticos. A gestão administrativa, bem assim a eclesiástica, continuava inteiramente nas mãos dos hispano-romanos. Estes testemunhos significam para a numismática que as cunhagens coevas — muitas vezes bastante primitivas — não são pròpriamente de origem visigoda, antes saíram de oficinas locais romanas, onde se contentavam com a reprodução estilizada do busto real, enquanto que as legendas traduzem inteiramente o tipo de letra romano-provincial, então usado na Península (1).

Dos meus estudos sobre a área de ocupação dos visigodos, resulta que a Castela-a-Velha, no seu aspecto étnico, deve ser considerada como uma área à parte. Consequentemente da partilha do solo, vantajosa para os visigodos ($\frac{2}{3}$ dos bens para eles e $\frac{1}{3}$ para os hispano-romanos), foi possível criar-se uma nobreza agrária (*Landadel*), que mais tarde, no tempo da «Reconquista», daria origem aos cavaleiros castelhanos que, começando por libertar o seu país do jugo árabe, acabaram por obter uma posição primacial para Castela.

Como prova desta minha teoria apresentei a onomástica goda, o direito popular germânico e a epopeia (*Heldengesänge*) que sobrevieram unicamente na área castelhana durante a Idade Média (2).

Os valiosos espólios das necrópoles castelhanas, além de fivelas de cinturão, fibulas, colares, anéis e brincos, pequenas facas, etc., só nos forneceram 4 espadas, alguns punhais, bem como pontas de seta e de lança, faltando-nos portanto qualquer indicação referente a elmos, escudos e couraças. Como, por outro lado, não chegaram até nós quaisquer iconografias (*Bildwerke*) da época do domínio visigodo, podemos, ao menos, procurar esclarecermo-nos acerca dos elmos representados nas moedas. Certamente não erraremos se afirmarmos que a protecção do corpo correspondia à das outras tribos germânicas e os achados em diferentes partes da Europa Central testemunham o uso quase exclusivo do elmo de arcos em colchete (*Spangenhelm*).

Em consequência dos trabalhos de A. Alföldi, R. Henning, W. Arnt e G. Kossinna, aproveitados e citados por J. Werner no seu ensaio acerca da «origem dos elmos de arco — *Spangenhelm* — medievais» (3) ainda há pouco

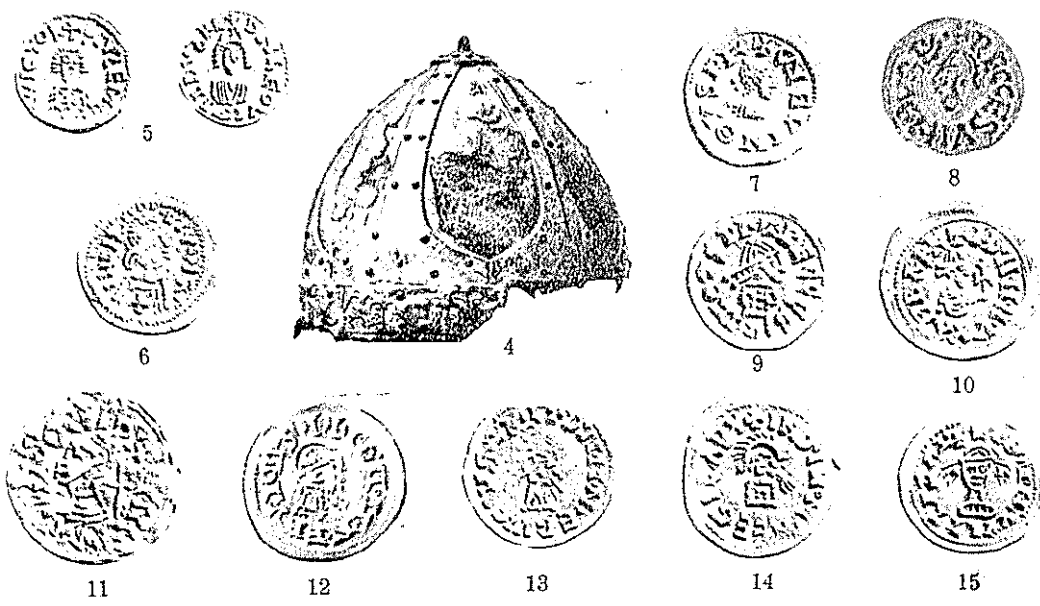
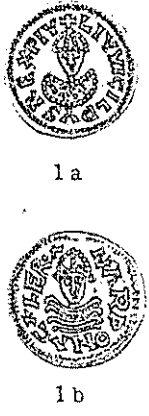
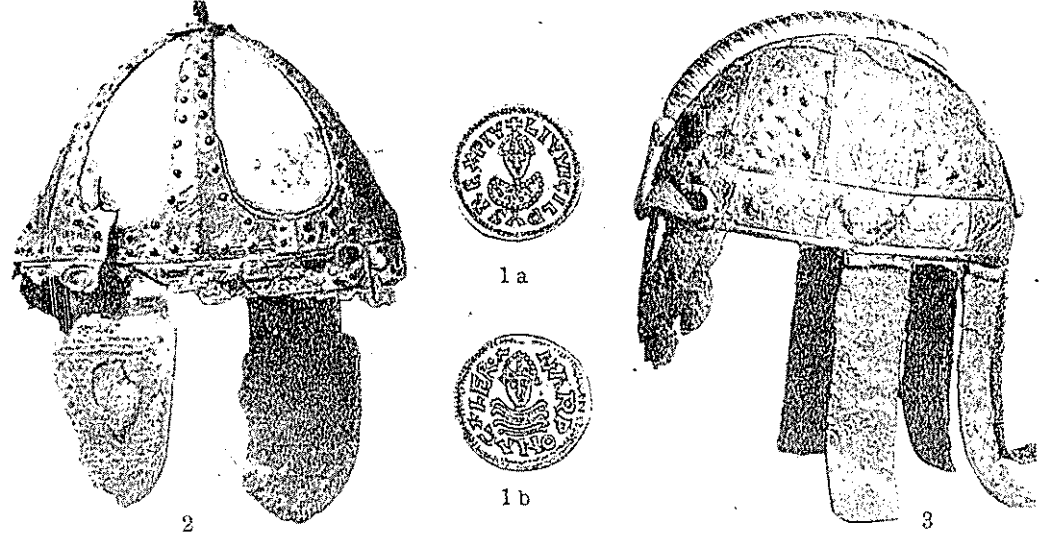
(1) «La escritura y el libro en España durante la dominación visigoda», in «Historia de España», pág. 357, ed. R. Menéndez Pidal — Madrid, 1940.

(2) Wm. Reinhart: «La tradición visigoda en el nacimiento de Castilla», in «Homage a R. Menéndez Pidal» — Madrid, 1949.

(3) «Muenzdatierte austrasische Grabfunde», Berlim e Lipsia, 1935. As nossas estampas mostram: Estampa II, 2: elmo de arco de Baldenheim (Alsácia); estampa II, 4: elmo de arco do Monte Pagano (Itália); estampa II, 3: elmo de coifa de Valsgårde, perto de Upsala.

OS ELMOS GERMÂNIGOS-NO FIGURADO
 DAS MOEDAS VISIGODAS

Tafel II.



grassava a opinião de que o elmo de arcos devia ser oriundo do Próximo ou do Médio Oriente.

W. Holmquist ⁽¹⁾ trata da decoração figurativa e ornamental dos elmos de arco até agora conhecidos, baseado nas provas sobre motivos, na maioria coptas. Este autor também é de opinião que os elmos achados na Europa Central tinham sido importados do Médio Oriente e de fabrico não anterior ao século V.

Últimamente, J. Werner, num novo ensaio sobre a proveniência do elmo de arco (*Spangenhelm*) ⁽²⁾, estribado em achados logrados na Mesopotâmia (Ninive), confirma a teoria de A. Alföldis acerca da sua origem persa.

Uma vez que este elmo já nos aparece nas moedas do Império Partho, deve ter sido já então conhecido; no século III era ainda utilizado pelos sassanidas, progredindo desde então o seu avanço lento para o Ocidente.

J. Werner faz acompanhar o seu trabalho de um mapa de achados referente à Europa Central, registando 15 elmos de arco do tipo de Baldenheim.

Os elmos de arco em colchete que conhecemos são constituídos por um aro frontal que leva cravados quatro ou seis arcos de colchetes (*Spangen*), de secção aproximadamente triangular, virados para cima e unidos no alto, a maior parte das vezes por um disco também cravado.

Nos intervalos dos arcos (*Spangen*) eram cravados pedaços de metal laminados, de forma adequada. O material tanto era o ferro como o cobre ou bronze.

Os ornatos da orla eram lavrados no aro frontal, e aplicados do lado de fora.

Entre os elmos de arcos encontrados na Europa Meridional e que provávelmente sejam atribuíveis aos visigodos, queremos mencionar os de Concesti — România — e mais dois de S. Vid, na Dalmácia ⁽³⁾. Talvez possa ser incluído também um dos elmos achados na Itália — Torricella e Frasassi —, se bem que os Ostrogodos igualmente conhecessem os elmos de arco, como nos é testemunhado pelas peças de 40 Nummi do rei Theodahat e as peças de 10 Nummi de Totila.

J. Werner admite o fabrico de tais elmos na Itália, de onde poderiam ter partido para a Espanha.

Temos também testemunho do uso dos elmos de arcos nos outros povos germânicos pelos achados de Bremen, Baldenheim (Alsácia), (Estampa II, 2),

(1) «Kunstprobleme der Merowingerzeit». Stockholm, 1939, pág. 128.

(2) «Zur Herkunft der frühmittelalterlichen Spangenhelme», in Praehist. Zeitschrift, pág. 178 — 1949/50.

(3) Segundo Sozemonos (VIII, 25, IX, 4), os visigodos habitavam passageiramente a Pannonia até à Dalmácia, sob Alarico, de 403 a 408.

Stössen, Gamerlingen e Göltingen (Württemberg), junto do Lago Lemán, na vizinhança de Chalons-sur-Saône, Vezeronce (Isère, França), e ainda um exemplar no Museu de Eremitage, outro no Museu Britânico e no Museu de Leyden.

A rareza do achado destes elmos, ou mesmo a sua falta absoluta em muitos dos campos de túmulos (*Gräberfelder*) de Espanha, permite a ilação de que os mesmos eram usados exclusivamente pelos réis e pela nobreza, conclusão consentida quer pelo dispêndio do seu fabrico, quer pelo elevado preço que atingiam no comércio. A sua cotação de doze *sólidos* é-nos testemunhada no Código do rei franco Childeberto (576-596).

Recorrendo às moedas visigodas, que já por várias vezes provaram o seu valor como monumentos culturais, elas dão-nos uma ideia perfeita dos elmos então usados. Um crescido número destas moedas mostra-nos a forma do elmo de arco. Outras, em menor número, parecem mostrar o elmo em coifa (*Haubenhelm*). Já o Rei Leovigildo (568-586), o primeiro príncipe visigodo que mandou cunhar moedas de ouro com o seu nome próprio, é representado em algumas moedas guarnecido de elmo (Estampa II, 1 e 5). O elmo desta moeda foi erradamente interpretado por A. Heiss ⁽¹⁾ como uma coroa, opinião que até há pouco perdurou na literatura espanhola. Todavia, as coroas reais visigodas eram constituídas, como nos mostra as do tesouro de Guarrazar (Toledo), por um largo aro de ouro, ricamente trabalhado e guarnecido com pedraria de cor. As últimas moedas de Leovigildo, mostram o rei com a cabeça descoberta; tipo de moeda continuado pelos seus sucessores, até que novo tipo foi criado pelos réis Chindasvinto (642-653) e Recesvinto (653-672). A partir desta época possuímos novamente indícios referentes aos elmos visigodos, como se vê pelas moedas destes réis (Estampa II, 7 a 9).

Tanto estes numismas como os do rei Wamba (672-680) (Estampa II, 10), apresentam os soberanos com elmo de arco.

Deste último rei existe ainda uma moeda (é a única conhecida e encontra-se na minha colecção) que mostra o rei ostentando na cabeça uma espécie de chapéu (Estampa II, 11), o que todavia deve ser interpretado antes como um elmo de arco, atendendo a que os chapéus daquele feitio eram então desconhecidos.

Em contrapartida as duas moedas dos seus sucessores, Ervigio e Egica (Estampa II, 12 e 14), testemunham nitidamente a forma do elmo de coifa (*Haubenhelm*), que no segundo deles até é guarnecido com um penacho (*Federbusch*).

(1) «Description Générale des Monnaies des Rois Wisigoths d'Espagne» pág. 34 — Paris, 1872.

Tais numismas levam-nos a constatar que igualmente se usavam elmos só encontrados em achados nórdicos. Em primeiro lugar comparamo-los com o célebre elmo de Valsgärde, perto de Upsala (Estampa II, 3).

Também o retrato de Leovigildo na moeda figurada na Estampa II, 6, não obstante a sua cunhagem bárbara, nos parece mais indicar um elmo em coifa.

As últimas moedas visigodas, incluindo as de Egica (687-702), de diferentes «cecas» (Estampa II, 14) mostram novamente os réis com elmos de arco (*vide* A. Heiss, n.^{os} 3, 6, 18-20).

A moeda reproduzida na Estampa, II, 15, do penúltimo rei, Witiza (702-710), igualmente nos mostra o uso deste elmo, que, sem dúvida, representa a forma então predominante.

O elmo de arco continuou a ser usado durante os séculos seguintes e o exame de miniaturas afirma-o até à alta Idade Média. A forma cônica, vantajosa pela boa defesa que oferecia, manteve-se igualmente noutros povos da Europa e até da Ásia durante largo tempo, desaparecendo somente com o predomínio das armas de fogo.

No caso dos Visigodos, as moedas são suficientes como prova do seu uso.

E pelas moedas, conjugadas com os achados de elmos de arco, é chamada a nossa atenção para o facto de que continua a não haver provas que confirmem a teoria de que os elmos germânicos, desta época, teriam sido adornados com asas de águia ou chifres de uro.

